



Missão Cruis



Estrada que o tempo apagou

Quase nada sobrou dos 3,8 mil quilômetros da estrada de ferro que, no século 19, era a única via de acesso ao Planalto Central

RENATO ALVES

ENVIADO ESPECIAL

Wanderlei Pozzembom

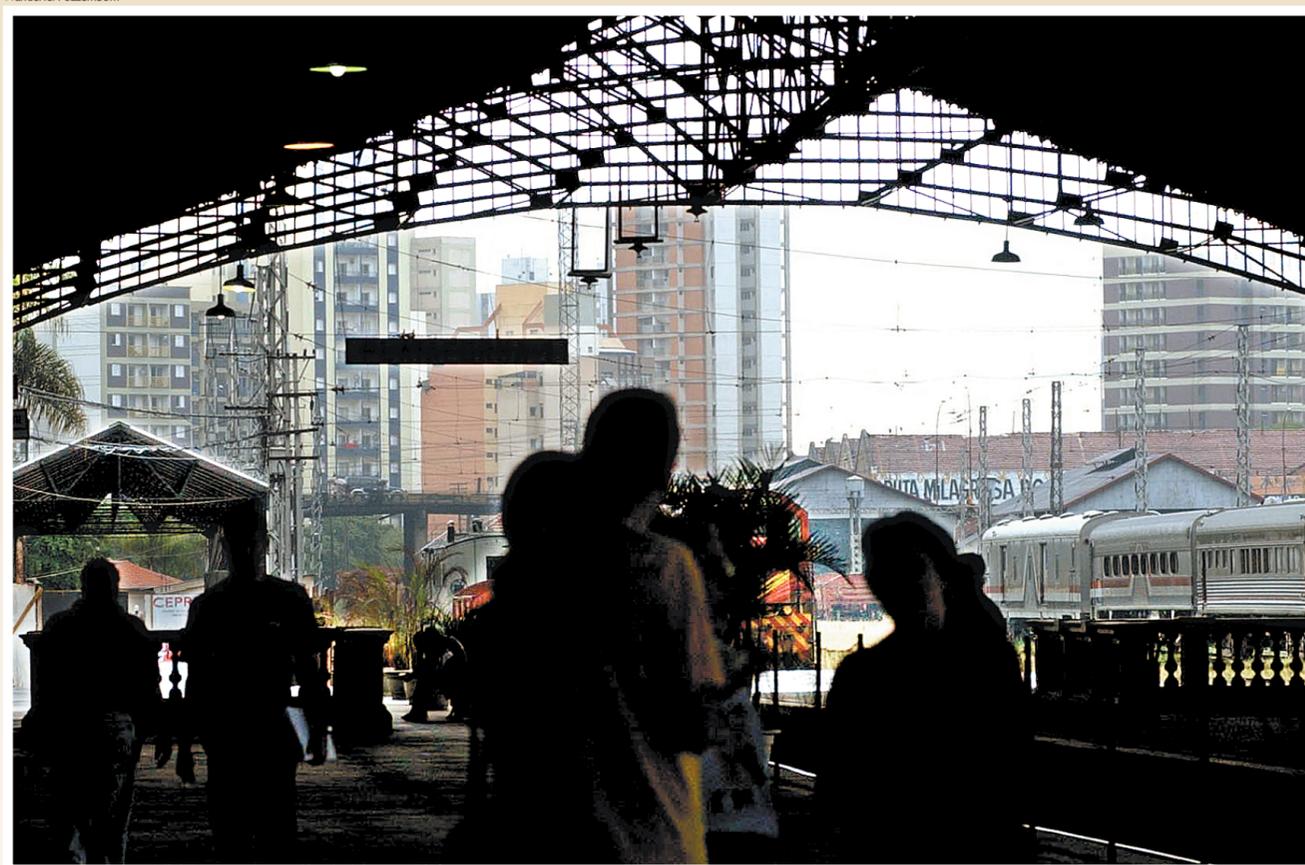
Campinas (SP) — A uma velocidade que não ultrapassava os 40 km/h, a locomotiva que puxava o comboio da Missão Cruis, no distante 1892, reabastecia-se em paradas constantes, que prolongavam ainda mais a viagem. O combustível — lenha e água — que alimentava as caldeiras da maria-fumaça era farto. Estava em postos improvisados ao longo da via.

A primeira cidade de médio porte que os desbravadores encontraram foi Campinas, que havia sido emancipada fazia 50 anos. O desenvolvimento do município começou com a lavoura canavieira e a indústria do açúcar, com uso da mão-de-obra escrava. Quando Luiz Cruis e sua equipe cruzaram a cidade, a monocultura cafeeira já dominava as propriedades da região. Cerca de 200 fazendas colhiam 300 mil arrobas de café por ano. Os imigrantes europeus substituíam os negros na lavoura.

A industrialização também era responsável pela mudança de comportamento da sociedade conservadora e do rápido crescimento de Campinas. Com desenvolvimento e localização privilegiada, a cidade do interior paulista tornou-se principal via de ligação entre o sudeste e o centro-oeste brasileiro. A estação ferroviária era uma das mais modernas e movimentadas do país. “Campinas era ponto estratégico de transporte de carga e de passageiros. Havia umas dez linhas aqui. As plataformas estavam sempre lotadas”, conta a historiadora do Departamento de Turismo da cidade paulista, Mirza Pellicciotta.

A estrada de ferro Mogiana, que passava por Campinas e por onde a Missão Cruis andou até chegar ao Triângulo Mineiro, chegou a ter 3.800 km de malha férrea. “Era a única ligação com o Planalto Central”, destaca o diretor do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, Jarbas Silva Marques. Ele é um dos sete pesquisadores da equipe que refaz, desde segunda-feira, a expedição da Comissão Exploradora do Planalto Central, que, em 1892, demarcou o quadrilátero do Distrito Federal, por ordem do presidente Floriano Peixoto.

Jarbas Marques visitou ontem a es-



RUMO AO OESTE

EM CAMPINAS, SÃO PAULO, OS GALPÕES DA ESTRADA DE FERRO MOGIANA SÃO TOMBADOS PELO PATRIMÔNIO E USADOS PARA OFICINAS DE ARTE

tação ferroviária de Campinas. O pesquisador encontrou um prédio bem conservado, mas nenhum trem ou passageiro. Apenas uma das várias linhas da estrada de ferro que corta Campinas está ativada, e transporta apenas carga. A estação hoje é patrimônio tombado do município. Abriga a Secretaria de Cultura e seus departamentos. Nos centenários galpões, onde antes funcionavam oficinas da Mogiana, hoje se faz arte. Crianças e jovens carentes aprendem dança, teatro, música. Nas plataformas, que serviam de passarela para elegantes mulheres do século XIX, meninas

com tênis, camisetas e calças largas ensaiam passos de hip-hop.

Favelas

Campinas também mudou muito. O município, com quase 1 milhão de habitantes, é o terceiro pólo industrial do país. Mas o desenvolvimento não representa vantagem para toda a população. A cidade é sufocada pelas indústrias, pela violência e pela pobreza. Com a onda de ataques de bandidos contra postos e viaturas da Polícia Militar, os policiais de Campinas andam apenas em comboio, com armas pesadas para fora dos carros.

Helicópteros da corporação sobrevoam a cidade o dia inteiro. Moradores — principalmente na periferia e em pontos de ônibus — são submetidos a rigorosas revistas.

A miséria da cidade paulista foi exposta ontem em pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Oito das 19 cidades da Região Metropolitana de Campinas têm 390 favelas, onde moram cerca de 173 mil pessoas em 43 mil barracos, conforme o estudo. Este contingente representa 7,2% de toda a população da região. Só a cidade de Campinas tem 234 favelas com 38

mil moradias precárias.

Sob chuva forte e enfrentando ventos que chegaram a 90 km/h, os integrantes da nova Missão Cruis deixaram Campinas na tarde de ontem, rumo a Ribeirão Preto, também em São Paulo. Pela manhã, os pesquisadores fizeram palestra na Universidade de Campinas (Unicamp), que também recebeu a exposição itinerante com fotos e documentos da Missão Cruis de 1892.

O REPÓRTER RENATO ALVES E O FOTÓGRAFO WANDERLEY POZZEMBOM VIAJAM DE DOBLÔ ADVENTURE, CEDIDO PELA FIAT AUTOMÓVEIS



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

DUAS CIDAS NUMA SÓ

É a mesma Cida da crônica de ontem que, de tanta história pra contar, pediu passagem e veio parar na crônica de hoje.

Foram décadas e décadas de uma rotina pedregosa: trabalho em hospital público, dois filhos pequenos, marido, mãe pobre e desassistida e a vontade de melhorar de vida. Não dava nem tempo de perceber que alguma coisa muito importante tinha ficado pra trás. “Eu estava me tornando uma pessoa chata, cheia de neuroses, horários a cumprir, filhos perfeitos, as melhores notas, casa extremamente impecável...” — ela escreveu

num de seus textos de desabafo.

É uma mulher de 50 anos, a fortaleza da família, a mãe que conseguiu bolsa pra que os dois filhos estudassem nos melhores colégios da cidade, que trouxe a mãe do norte de Goiás, que foi enfermeira de hospital público, e que agora tinha assumido a mais trabalhosa das empreitadas: construir uma casa — comprar o tijolo e brigar com o pedreiro.

“O pai é o alegre, alto astral. A mãe, o general. Aquilo foi virando uma bola de neve, não tinha válvula de escape. Vieram as doenças: depressão, diabetes, pressão alta, obesidade, lexitom, antidepressivos, menopausa, ufa!”, escreveu Cida em papéis avulsos por onde desaguava a angústia.

De três meses pra cá, Cida deu uma

rasteira no tempo e trouxe de volta a menina adoentada de Cristalândia, que fazia boneca de osso de boi e livro de folha arrancada do quintal. Reconciliada com sua meninice, fez um curso de contadora de história na Biblioteca Demonstrativa de Brasília.

A filha adolescente estranhou o bom humor da mãe, na manhã que se seguiu ao primeiro dia de aula.

— Pai, a mãe está rindo sozinha na cozinha!

— Não disse que ela não está batendo bem da cabeça?

O que Cida quer é sua cabecinha de menina de volta. Por isso ela conta histórias pra crianças do HRT, fez o curso na biblioteca e passa horas sentada na mesa da varanda escrevendo cartas pra si mesma.

Ela tem muito o que contar pra si e pra quem quiser ouvir histórias de uma mulher de 50 anos. Pode contar, por exemplo, como conheceu o marido, Edmundo. Foi assim:

Ele era seu vizinho em Taguatinga Norte. Tinha feito uma cirurgia e precisava de curativos. Chamou a vizinha enfermeira que, de pronto, cuidou do doente. Dias depois, Edmundo mandou-lhe um par de sandálias em retribuição ao mertiolate e ao esparadrapo.

Um dia, na porta de casa, Cida o convidou para tomar a cerveja. Ele não quis, saiu, voltou e aceitou o convite. Beberam 21 garrafas de cerveja numa prosa que parecia querer abarcar todos os assuntos de suas vidas.

— Ele me perguntou o que era hi-

pótese. Eu disse que não sabia. Ele disse que hipótese é o que é, que depois não é mais, e que volta a ser. Pensei: esse cara é inteligente. Foi aí que ele me ganhou.

Mais lá na frente, Cida convidou Edmundo para nova rodada de cerveja. Ele disse que tinha uma prova para subir de posto no emprego:

— Seu eu passar, eu venho. Se eu não passar, não venho. (Mundo parecia gostar de uma hipótese).

Mundo foi.

— Você passou??

— Não, mas vim assim mesmo.

Estão juntos há 19 anos. Ele vive dizendo pra ela que, se um soltar a mão do outro, os dois caem. Mundo que se cuida porque Cida agora é duas: ela mulher e ela menina.

